

Razões do Aprender fazendo: possíveis teorias sob uma prática

O presente trabalho busca explicitar, com finalidade prático-pedagógica, dimensões teóricas fundantes de uma prática educacional de avaliação e planejamento, nominada Aprender-Fazendo, de inspiração Freireana, e que foi desenvolvida coletivamente, na década de setenta próximo passada nos Encontros de Educação pela Equipe Latino-americana de Educação.

Cuiabá, 24 de julho de 2007

Razões do APRENDER FAZENDO: possíveis teorias sob a prática

Luiz Augusto Passos

A dinâmica Aprender-Fazendo nasce no país, com inspiração freireana, de uma articulação entre a busca de um instrumento avaliativo educacional, uma forma de articulação entre produção do conhecimento, precisão de leitura de contexto e realidade estrutural, conjuntural, local, pensada ainda a sociedade como lócus de cultura.

Teve seu berço nas iniciativas de intelectuais e educadores ligados, inicialmente, à Igreja Católica 'progressista' com perspectivas similares à da Teologia da Libertação, depois, projetos comunitários compartilhados por Igrejas da Reforma, e, por fim, como instrumento de Planejamento laico e civil, de educação no sentido amplo.

Tinha, por objetivo, preencher a lacuna existente entre a educação de inspiração idealista, desencarnada, individualista, para desenvolver processos comunitários, com protagonismo de um coletivo de trabalho. Em seus princípios não queria ser apenas uma **avaliação** mas uma **produção do conhecimento pertinente** e ancorado nas condições de possibilidade de um espaço tempo concretos que mudassem a sociedade e construísse novos agentes sociais. Recuperava, da Escola Nova, a dimensão pessoal em construção com a formação de um coletivo de trabalho, em vista da intervenção na realidade. Buscava na troca de olhares e visões, sem nenhuma primazia prévia da visão de um único dos seus protagonistas, que o grupo se empoderasse como grupo, num conhecimento negociado. E, por isso, ficava relativizada, no grupo, a visão de um só, por mais correta que fosse. Esta também uma das críticas realizadas a esta dinâmica por educadores que se pensam vanguarda... ou de presumirem ter o pensamento e a prática 'politicamente' corretas.

O projeto resultante, teria que formar raízes na participação de todos cada um, respeitando os tempos de cada um, costurando-se todos os pontos,

estabelecendo critérios juntos, somando expectativas e possibilidades em busca do que Paulo Freire chamava, o inédito viável.

Pensava que, isso mesmo constituía um projeto de criar grupos de intervenção, co-operativos, em busca de um projeto educacional popular e democrático, fosse para grupos pequenos, periferias, localidades rurais, estabelecimentos de ensino, redes públicas, etc.

Teve contribuições de uma grande equipe de educadores ampliada, entre os quais, Michel de Certeau (Psicanalista, Historiador e Sociólogo); Paulo Freire; Danilo Gandin que assessorou, e ainda assessora no Brasil, o que se chamou 'Planejamento Participativo'; Cecília Cardoso Alves (Educadora freireana); Agostinho Castejón (Coordenador da Pastoral da Educação da CNBB, do Movimento de Educação de Base (MEB) e da Associação da Educação Católica (AEC-BR); de Leônida Fávero; Anne Marie Speyer (MEB/Ação Educativa); Padre Raimundo Groth e, esse instrumental compete com o que se chamou 'Planejamento Estratégico' (PES), metodologia globalizadora da avaliação e planejamento.

É, por demais importante, que se discuta as bases de epistemologia, as concepções filosóficas, pelas quais se organizam as relações, as concepções de educação, de conhecimento, de pessoa que estão inscritas sob a referida dinâmica. Ela pretende que se possa construir dinâmicas, organizações de trabalho, formas de conhecimento, modos de avaliar, e, sobretudo, relações entre os atores, cujo conteúdo ético-político de sua concepção seja maturado durante suas co-operações. A qualidade política do projeto herda as qualidades políticas de suas mediações e de seus processos: uma educação democrático-participativa precisa de processos educacionais democráticos participativos, com inclusão de todos e todas.

Princípios que subjazem ao Aprender Fazendo:

Não vou me limitar os princípios já explicitados pela dinâmica. A vivi, em processos longos de planejamento, por vezes três semanas inteiras em planejamentos globais realizados a muitas mãos, de instituições educacionais. E, portanto, vou explicitar princípios em grande parte induzidos das práticas em diálogo com minha visão de educação, pessoa, processo, que se inspira na fenomenologia merleau-pontyana. Não pretendo ficar no mais geral, mas refletir sobre o que co-substancia em termos filosóficos este processo educacional.

De alguma maneira, estão sob a base dos princípios do Ver-Julgar-Agir da metodologia do Belga Cardijn que sofre influência do teólogo francês Jacques Maritain, do grande inspirador de Paulo Freire, Emmanuel Mounier e da hermenêutica de Paul Ricoeur, também Belga. De sorte que há um não explicitado, na minha percepção, que é, a inspiração fenomenológica na referida dinâmica.

O ATO EDUCATIVO

- ✚ Todo ato educativo é um ato transformador da relação entre educando e educador, ambos se constroem na ação educativa. Todos podem aprender, todos podem ensinar, é no coletivo que nos fazemos como pessoas individuais e solidárias.
- ✚ Disciplina do trabalho é esforço coletivo, afeto, respeito e camaradagem.
- ✚ Todo ato de educação é ato de conhecimento e parição, poético, portanto, isto é, uma criação. E, a *criação* é tanto mais significativa e educacional quanto mais permitir a participação de todos, naquilo que cada um trás, apontando novas possibilidades práticas para o engajamento solidário e crítico no mundo.
- ✚ Todo ato de educação é duplamente transitivo, é uma educação de... e uma educação para...

O sujeito como grito...

El llamado a ser sujeto se revela en el curso de un proceso. El ser humano como sujeto no es ninguna sustancia. Se revela, entonces, que el ser sujeto es una potencialidad humana y no una presencia positiva. Se revela como una ausencia que grita y que está presente, pero lo es como ausencia. (Franz Hinkelammert (1985))

- ✚ O ato de é o ato da constituição humana do sujeito. É uma *educação de*, diremos, parturição, portanto, de pessoas. Somente, no grito de sua ausência – no a-frontamento, no sentido de Emmanuel Mounier – etimologia do termo 'pessoa' – *prosopon* – podemos com os outros, aprender e ensinar.
- ✚ Toda a educação é um ato de caráter pessoal e transacional: de aprendentes. Processo constituinte e constituidor, em diálogo com o instituído culturalmente.
- ✚ Toda educação é um ato *para...* Para um processo de produção da vida, através de humanidades que a garantam. Trata-se de uma ação afirmativa face às condições de morte e de negação da vida, do conhecimento, da verdade, do valor inscrito na realidade cósmica, concreta, histórico-política. A educação exige ruptura com os valores de morte da cultura dominante.

Educação e intencionalidade

- ✚ Intencional, se contrapõe, exigindo uma ruptura, que deve perpassar e ultrapassar todos os estágios, sem perder os elos de sua parição, criação e efetivação. É por isso, intencional à esperança. É ato de fé na vida, na possibilidade da comunhão e da democracia.
- ✚ Todas as idéias e possibilidades devem ser avaliadas nas suas possibilidades práticas pelo coletivo.

Educação e desvelamento

- ✚ Toda realidade humana, inclusive o próprio homem e mulher, estão velados a si próprios, carregam com vasos de barro uma interioridade que os unificam. São palavras feitas em carne em corporeidade, suporte de signos e de sentidos. Escapam a si mesmos, símbolos que são.
- ✚ Todo símbolo carece de interpretação, porque vela e revela. Não é evidente. É mistério, pode revelar parcialmente e aos poucos, sempre e sempre mais porque é polissêmico, isto é, tem infinitos sentidos. Por mais que digamos os seus sentidos, terá outros ainda que não poderíamos esgotá-los.
- ✚ Toda interpretação é sempre feita a partir da janela do olhar de alguém situado e datado. Alguém que tem uma experiência incorpora um *ethos*, um *habitus*, e não pode descontaminar-se completamente da cultura que tem, sem perder a conexão do entendimento da realidade, sempre culturalizada.

Aprender-fazendo versus fragmentação:

- ✚ A importância de todos na consecução de tarefas, circularidade de todos e todas nas tarefas todas, evitando a divisão especializada do trabalho.
- ✚ Todos e todas têm ritmos próprios, tempos próprios de elaboração, compreensão e execução, é necessário caminhar junto harmonizando as temporalidades.

Os erros como lugares de aprendizagem:

- ✚ Os erros não precisam ser paralisantes, inúteis, nem razões para o desânimo, na medida em que são inerentes à condição humana, e momentos de aprendizagem. Momento algum é perdido numa caminhada coletiva..
- ✚ O erro é dimensão inerente do processo. Pode-se aprender mais com ele, na medida em que explicitado, do que seu escondimento, do que com os *insights* e acertos. Ele(s) se torna(m) ocasião para retomar, rever e expressar agora uma ação com qualidade muito maior, permitida pelo conhecimento adquirido para gerar uma nova prática.
- ✚ Os erros, parte integrante de qualquer processo de criação viável, devem ser, por isso, considerados como fontes inestimáveis para os aprendentes. Permitir-se ao errar, desejando acertar, acolher o erro sem gastura ou resistência, só assim ele permite ser ocasião de aprendizagem ainda mais significativa.

O individual e o coletivo

- ✚ Só é possível o coletivo sólido (só e solidário) a partir do individual em diálogo com a alteridade do outro e do coletivo.

- ✚ Apostar que o conjunto é melhor do que a parte: e de que o resultado de uma ação possível será sempre melhor do que o melhor projeto inviável. E que a ação coletiva é sempre qualitativamente do ponto de vista social, educacional e político, mais importante, do que uma ação isolada. Não se subsiste só. Somos ontologicamente símbolos-políticos
- ✚ Haverá sempre espaço para a expressão individual, na vida cotidiana e privada. Tomar parte no grupo pressupõe fazer deste espaço articulado centro de nossas atenções e esforços voltados à partilha, à isonomia de direitos, em privilégios.

Falar o necessário

- ✚ Dizer o que se precisa dizer, permitindo que outros digam ou falem o que eu pretendia dizer ou uma posição contrária à minha, e permitir ao grupo avaliar e posicionar-se, sem se tornar refém de todas as intenções que eu venha a ter.
- ✚ Conceder espaço aos outros e ter ouvidos para ouvir; falar breve e acolher críticas sem se justificar acreditando que o diálogo com outras pessoas do grupo esclarecerá meus pontos de vista; isso constitui a grandeza e delicadeza de um bom educador popular.
- ✚ A consciência e o conhecimento são tão importantes quanto a disciplina de considerar o processo coletivo maior do que as necessidades pessoais e individuais; é a abertura ao outro e ao seu crescimento no grupo, que confere qualidade, profundidade ao trabalho realizado.

Que é, Educação?

- ✚ É a construção de humanidades no sentido da *Paidéia* grega. É um processo de construção de pessoas. Só feito na inter-relação com os outros inclui todas as dimensões, corporais, espirituais, simbólicas, lúdicas, artísticas, místicas, eróticas, poético-estéticas, ecológicas, que não dispensa o intra, extra e o transpessoal.
- ✚ A educação tem centralidade no sujeito, mas não se separa em momento algum do cósmico, do conhecimento e da criação. É impulso ontológico, transcende para uma dimensão cultural onde se constitui na relação e na conflitividade.
- ✚ A educação é luta: luta contra tudo que se opõe à relação enfeixada com espírito com o mundo, da individualidade com as alteridades, do conhecimento e re-conhecimento contra a invisibilização, assimilação, genocídio material e simbólico que destrói o mundo-do-ser e o ser-do-mundo. Luta contra todo internalismo, privatismo, personalismo, supratismo, caudilhismo em favor da solidariedade, da comunhão, da gratuidade e da vida plena em tudo e todos.
- ✚ A educação é uma tarefa de desconstrução, construção e reconstrução permanente. Desconstruir tudo o que aniquila, diminui e nega minha

humanidade; reconstrução de tudo o que foi perdido de minha humanidade na aventura do tempo; construção do inédito-viável a partir das utopias que nos pro-vocam a um por-vir.

- ✚ A educação: é aventura de encontrar-se no outro.

O conhecimento no Aprender-Fazendo

- ✚ O conhecimento desejado na educação não tem como prioridade caráter instrumental, mas busca a humanização própria e coletiva; é, portanto, aquele que oportuniza o crescimento de todos e todas em sua humanidade. É, portanto um conhecimento voltado um humanismo pluridimensional suficiente.
- ✚ Conhecer é dimensão fundante da humanização das pessoas.
- ✚ O conhecimento é uma ação permanente, inesgotável, aberta e dinâmica. Sabe-se sempre muito pouco e, enorme é nossa ignorância sobre quase tudo. Somos um microcosmo no macrocosmo que nos abarca. Mas sempre podemos conhecer, aos poucos, mais e mais, passo a passo.
- ✚ Podemos sempre, também, avançar em ignorância, ainda que tenhamos crescido muito, durante certo tempo. Somos movidos por uma sístole e diástole, momentos de ganhos (anabólicos) e momentos de perdas (catabólicos), nenhum caminho para o saber e o conhecimento e acumulativo e progressivo. O conhecimento importante não é apenas a formulação intelectual de uma verdade, o conhecimento decisivo deve também articular-se com a bondade e a verdade, a ética.

Este texto quer apenas apresentar uma das modalidades possíveis de avaliação em oficina. Tem princípio muito interessantes em sintonia com os processos de ensino aprendizagem freireanos, e podem ser tornar interessantes como possibilidades de guias teórico-prático ou teórico-metodológicos da realidade.

Cuiabá, 12/09/2007